

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Identidade Masculina e corporeidade [Masculine identity and corporeality]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Muskopf, Andre Sidnei
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-23 12:35:21
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163164

Elizabeth Roudinesco- Sim. Não estou muito preocupada. Todo mundo vai continuar formando uma família. Há uma resistência da família à idéia de que tudo parece evoluir para a transformação do homem em objeto de mercadoria. Mas a família resiste. É uma resistência séria, penso eu. A família é uma espécie de lugar de humanização contra a animalização. E com isso ocupa uma bela posição.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IDENTIDADE MASCULINA E CORPOREIDADE

Entrevista com André Sidnei Musskopf

*“Fala-se muito, hoje, na academia, mesmo na mídia ou nas publicações que circulam da “crise do macho”, da crise do masculino. Tenho a sensação de que essa popularização da crise do masculino é uma forma disfarçada de os homens continuarem em cena”, afirma o teólogo André Musskopf, que conversou com o IHU On-Line durante o I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, acontecido na Escola Superior de Teologia – EST -, em São Leopoldo, de 18 a 20 agosto 2004. Segundo ele, não necessariamente os homens estão em crise, mas o modelo hegemônico de masculinidade, e os diversos movimentos contemporâneos, especialmente movimentos feministas e de homossexuais vão influenciando para novas formas de pensar a questão de gênero. André Sidnei Musskopf é coordenador do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI/RS. Graduado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia- EST -, especialista em Pastoral Care Department, pelo Clara Maass Medical Center, CMMEDCEN, Estados Unidos, mestre em Teologia, pela EST, com dissertação intitulada “Ministérios Ordenados e Teologia Gay - Retrospectiva e Prospectiva sobre a ordenação de pessoas homossexuais”. É autor de **Uma brecha no armário - propostas para uma teologia gay**. São Leopoldo: Sinodal, 2002 e organizador, juntamente com Marga J. Ströher e Wanda Deifelt, do livro, **A flor da pele - Ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004.*

IHU On-Line - Quais podem ser os pontos de partida na hora de pensar sobre identidade masculina e corporeidade?

André Musskopf – Eu trabalho com a perspectiva da *Teoria Queer*¹, procurando a idéia de desestabilizar modelos. Para isso, trabalhei primeiro com o modelo de masculinidade e corporeidade hegemônica. O que quer dizer que a masculinidade é construída no corpo e através do corpo. Não existe uma identidade masculina separada do corpo. A identidade se manifesta na corporeidade, e a corporeidade é a construção dessa identidade. Procuo mostrar como se constrói, ou como se analisa a construção dessa masculinidade hegemônica, trazendo referenciais da psicanálise, que fala do processo de castração/sublimação, falando do processo de socialização que está na linha da psicologia.

IHU On-line –Como se caracteriza essa identidade masculina hegemônica?

André Musskopf- É marcada pelo endurecimento, pelo enrijecimento do homem. Isso se manifesta pela competitividade, da presença da força, algo muito forte na identidade masculina, que também desencadeia, por exemplo, toda a discussão da violência provocada e gerada pelos homens. Esse modelo se tem tentado também desconstruir para propor novas possibilidades de construção da identidade masculina. Quando falo de identidade masculina, corporeidade e identidade, para mim, não se separam, são muito próximas. Na questão da

¹ A *Teoria Queer* se desenvolveu nos anos 1980, nos Estados Unidos, com a publicação do livro **Gender Trouble** de Judith Butler, que possui um alto grau de influência do filósofo francês Michael Foucault e suas idéias sobre a sexualidade. A palavra *queer*, em inglês, é uma gíria usada para a referência a homossexuais. (Nota do **IHU On-Line**)

corporeidade, a sexualidade masculina se expressa no homem como uma pessoa fria, enrijecida em que a sexualidade no corpo está regionalizada e concentrada na área genital, então envolve toda a questão do pênis como penetrador, como elemento constituidor da identidade, da corporeidade e dessa sexualidade hegemônica.

IHU On-Line – Quem pode se ver refletido no modelo hegemônico de masculinidade?

André Musskopf - O modelo hegemônico não é o que representa a maioria das identidades masculinas, mas é como um ideal ao qual os homens têm que aspirar, embora a maioria deles nunca atinja. Por exemplo, se fala do modelo hegemônico como homem branco, rico e heterossexual. Outras definições envolvem a questão do "macho", do homem como macho que tem que ser auto-suficiente e independente, demonstrar força, não ser vulnerável à afetividade. Idéias de competitividade estão muito fortes nesse modelo.

IHU On-Line - Mas com todas as mudanças contemporâneas, especialmente no mundo feminino, se poderia dizer que esse modelo entrou em crise?

André Musskopf – Fala-se muito, hoje, na academia, mesmo na mídia ou nas publicações, da “crise do macho”, da crise do masculino. Tenho a sensação de que essa popularização da crise do masculino é uma forma disfarçada dos homens continuarem em cena. Não necessariamente os homens estão em crise, mas o modelo hegemônico. Os motivos que levam a essa crise são, sim, todo o impacto do movimento feminista, toda a mudança no contexto da produção e do trabalho. Não vivemos mais em sociedades agrárias onde a força é um elemento importante, nem em uma sociedade industrial, mas em um período pós-industrial, em que se procuram outros referenciais no mundo do trabalho, onde a masculinidade é testada constantemente. Além da mudança do contexto social, econômico e dos meios de produção e trabalho, está o impacto do movimento feminista, o impacto dos movimentos étnicos raciais, questionando o padrão de homem ideal como homem branco, toda a luta dos movimentos afro-latino-americanos não só na América Latina, mas no mundo inteiro. Também, na América Latina, houve um reacendimento ou uma busca das raízes indígenas, o que não significa que esses questionamentos necessariamente trazem modelos novos, alternativos, que rompem com o hegemônico, mas, de qualquer forma, questionam o hegemônico das suas entradas. E aí aparece com muita ênfase, porque também essa é a minha área de atuação e pesquisa, o próprio movimento homossexual, como um dos movimentos que mais profundamente questionou esse padrão, mostrando que é possível a intimidade, a afetividade não só genital ou sexual, mas também de relacionamento no cotidiano entre homens.

IHU On-Line- Como o movimento homossexual influencia a identidade masculina em geral?

André Musskopf- Por exemplo, toda a mudança na forma como os homens se vestem está muito ligada com o avanço e a visibilização do movimento homossexual. Fala-se hoje que vivemos em uma sociedade pluralista, o que não significa que a sociedade não era pluralista antes, mas hoje se defende mais esse pluralismo como uma característica saudável das sociedades contemporâneas. Então, todos esses movimentos, esse novo contexto, provocam essa crise ou questionamento do modelo hegemônico. Tenho um problema com a idéia de crise, porque, para mim, ela parece muito mais um produto do mercado, que leva os homens a consumir esteticamente. Hoje a crise leva a buscar outras formas. Por exemplo, no campo da estética, há vários novos oferecimentos e novas possibilidades para homens, que mostram a crise masculina transformada num produto do mercado. Por outro lado, percebo que os modelos que estão sendo propostos para a reconstrução ou para a construção de

masculinidades alternativas continuam preservando um dualismo muito forte entre o masculino e o feminino, entre os homens e as mulheres. Meu objetivo é romper com esse dualismo.

IHU On-Line- Quais são os problemas que o senhor aponta em relação a esse dualismo homem-mulher?

André Musskopf - Leonardo Boff e tantos outros falam sobre princípios masculino e feminino presentes diferentemente em homens e mulheres. Se eles estão em homens e mulheres, o que os caracteriza como masculino e feminino, senão a própria cultura que dá, para determinadas características, um nome de masculino e para outras de feminino? Na biologia, na neurologia, especialmente, fala-se muito hoje das diferenças cerebrais entre homens e mulheres. Com isso, procura-se mostrar porque os homens se comportam de tal maneira e as mulheres de outra, o que abre algumas possibilidades, porque essas próprias pesquisas também mostram que, na verdade, não existe como usar um determinismo biológico. Existe até um teste para ver se o cérebro é mais masculino ou mais feminino. Se eu sou homem e tenho o cérebro mais feminino, por que nós continuamos falando que eu sou masculino com o cérebro feminino? Esse dualismo que precisa ser rompido, tem origem em muitos outros dualismos no contexto da sociedade. Para romper com esse dualismo, eu gosto de utilizar fotos, imagens de construções de corpos de homens diferenciados, desde um modelo padrão, passando pelo que se chama de um homem afeminado, a foto de uma transexual, de um transgênero, de uma drag queen, de um transformista e de um andrógeno.

IHU On-Line – Essas fotos de diferentes corpos masculinos ajudam a abrir um novo imaginário mais plural?

André Musskopf - Na pesquisa, por exemplo, gosto de usar essas fotos a fim de fazer questionamentos para mostrar como se unem, em um mesmo corpo, o masculino e o feminino. Olhando essas fotos, percebe-se que isso tudo se mistura e se cria a possibilidade de identidades múltiplas, diversas, que não podem nem ser caracterizadas como masculino, nem como feminino, mas que eu chamo simplesmente de humanas. Na área da biologia, há um exemplo muito interessante de uma norte-americana que tem genitália feminina, foi criada e cresceu como mulher. Ela descobriu que geneticamente é um homem. Meu questionamento é que geralmente olhamos para isso como uma exceção, quer dizer, as pessoas não são assim. Dentro de uma epistemologia patriarcal, aprendemos a ver a exceção como aquilo que confirma a regra. Penso que precisamos de uma epistemologia em que a exceção confirma a diversidade. Não mais usar esses modelos pensando que são uma exceção para tudo aquilo que é a regra, o normal. Essa exceção mostra que existem outras possibilidades, com as quais vamos trabalhar.

IHU On-Line- Como estas questões de gênero interpelam a teologia?

André Musskopf- Esse processo necessário de desestabilização do modelo hegemônico do masculino e feminino, das novas propostas, perguntam à Teologia se é possível pensar em uma religião, ou uma teologia, que dentro da Teoria Queer se chama de pós-identitária. Essa reflexão e essa construção ainda estão por ser feitas, existem tentativas, iniciativas de se fazer uma Teologia Queer, mas não existe nada substancial. Esse vai ser o tema do meu doutorado. Aí o contexto latino-americano é muito rico, pois é também o eixo que eu vou explorar, porque a religiosidade na América Latina é muito ambígua e diversa, estando diretamente relacionada com o que a Teoria Queer propõe. Na religiosidade, hoje em dia, fala-se muito da múltipla pertença religiosa, quer dizer, uma pessoa que não é só necessariamente cristã, ou não é só necessariamente católica ou luterana, mas está filiada e participa e circula em diversos

ambientes religiosos, às vezes, completamente opostos ou totalmente diferentes. Esse dado da religiosidade popular latino-americana é muito importante na construção de uma teologia que seja mais ambígua e simultânea e de uma religião que também parta dessa idéia. Da mesma forma, a sexualidade. O que tem de mais ambíguo na cultura latino-americana do que a sexualidade na forma como nós a vivemos? Há uma quase generalizada bissexualidade entre homens, que não preservam uma rigidez de sua sexualidade. Se olharmos para esse contexto, temos a possibilidade de resgatá-lo e de criar uma nova teologia e uma nova religião, rompendo com o dualismo masculino/feminino e propondo uma coisa que ainda não sabemos bem o que é, mas conseguimos começar a imaginar.

[\(Voltar ao índice\)](#)

RELIGIÃO, FAMÍLIA E NOVAS TECNOLOGIAS DE REPRODUÇÃO

Entrevista com Miriam Grossi

*As novas tecnologias de reprodução, misteriosamente, não são condenadas, como o é o aborto. No entanto, elas, na prática, no Brasil, são abortivas. Essa é a opinião da antropóloga Miriam Pillar Grossi, que reflete sobre as questões de gênero na antropologia e no estudo das religiões, focalizando sua pesquisa nas famílias homossexuais na França e no Brasil e na questão da maternidade, refletindo tanto sobre o aborto quanto sobre as novas tecnologias reprodutivas. Segundo a pesquisadora, as novas tecnologias de reprodução são técnicas profundamente invasivas no corpo da mulher e hoje, no Brasil, são técnicas que envolvem um mercado impressionante em termos de recurso. “Em nosso país, para ter um filho por meio de novas tecnologias, é comum casais venderem um apartamento, carro, propriedades para terem filhos, porque, cada tentativa de fecundação “in vitro” custa, dependendo da clínica, de R\$ 10 mil a R\$ 20 mil. Um filho é um bem que tem valor mercadológico”, afirma. Miriam Grossi é professora no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, - UFSC. A socióloga é mestre e doutora em Antropologia Social e Cultura, pela Université de Paris V (René Descartes), França, e pós-doutora, pelo Laboratoire d’Anthropologie Sociale Collège de France. É co-autora, junto com A. Brazão, de **Histórias para contar: Retrato da violência física e sexual contra as mulheres na cidade de Natal**. Natal: Casa Renascer, 2000 e organizadora de **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998 e **Novas Tecnologias Reprodutivas Conceptivas: Questões e Desafios**. Brasília: Letras Livres, 2003. A professora concedeu a seguinte entrevista ao **IHU On-Line** por telefone. Ela participou do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, realizado na EST, em São Leopoldo, de 18 a 20 de agosto, ministrando a conferência “O gênero da religião”.*

IHU On-Line – Em que consiste sua pesquisa sobre famílias de homossexuais?

Miriam Grossi - Sou antropóloga e trabalho com pesquisa qualitativa. Tenho acompanhado casais que têm esse projeto familiar, que têm filhos ou projeto de ter filho, na França e aqui no Brasil, num trabalho comparativo. Lá na França, há um movimento muito grande, há a associação de pais e futuros pais gays e lésbicas. É um movimento social. Eu diria que, na França hoje, dentro do movimento homossexual, a principal organização é essa da homoparentalidade. Aqui no Brasil, não há nada organizado politicamente dessa forma. No entanto, é muito impressionante o número de casais homossexuais com filhos no Brasil. Tenho vários alunos trabalhando nisso e não é um fenômeno marginal nem só de camadas médias. É um fenômeno em camadas populares, médias, pessoas brancas, negras, com e sem escolaridade. Ele está em muitos lugares. O Papa fez no ano passado um documento para instruir os deputados de todos os países do mundo contra os projetos de parceria civil homossexual, argumentando que isso seria o "fim da família". Na religião católica, a família é